

# Mercúrio contamina população no Amapá

Ed Ferreira/AE

Estudo feito com amostras de cabelos e de peixes revelou níveis alarmantes da substância

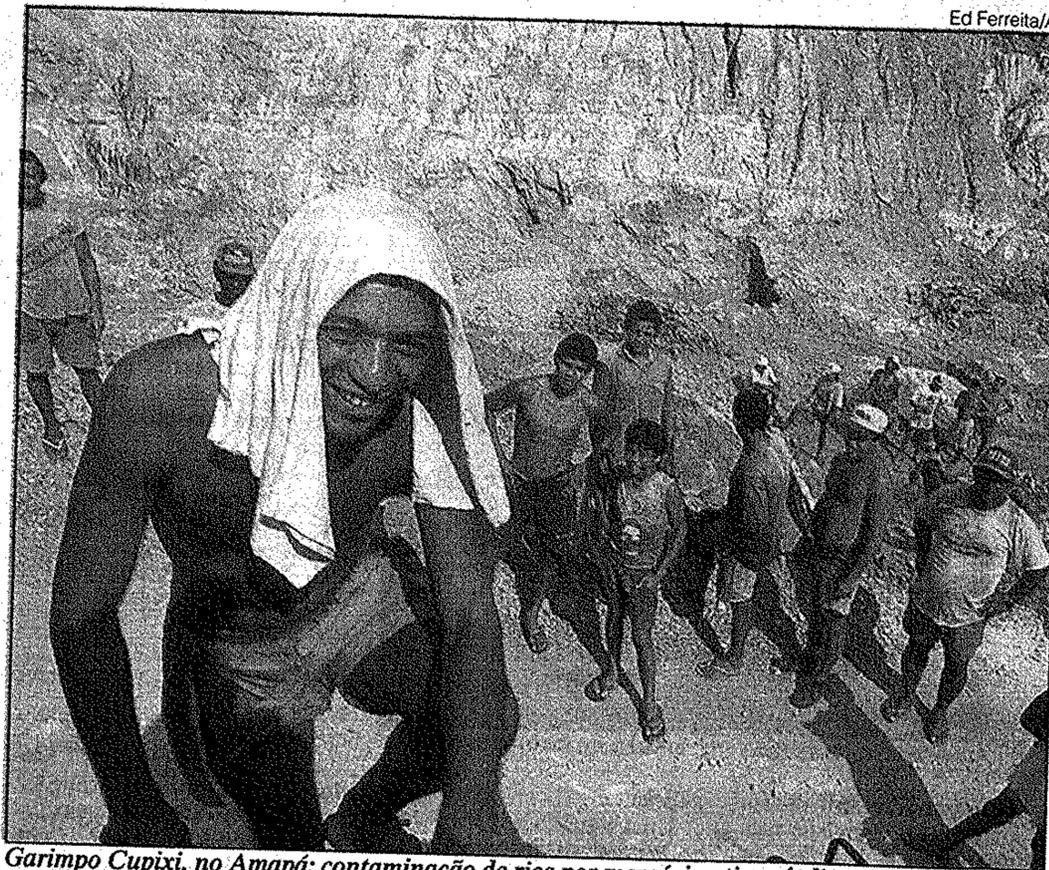
HUGO MARQUES  
Especial para o Estado

**B**RASÍLIA – Um estudo feito por 15 cientistas, ao longo dos últimos quatro anos, demonstrou que uma parcela da população do Amapá está contaminada com índices “preocupantes” de mercúrio, um metal que afeta o sistema nervoso central e pode levar à morte. Os pesquisadores analisaram as condições do solo, da atmosfera e das águas na Serra do Navio e na região de Tartarugalzinho, áreas que nos últimos anos sofreram forte impacto dos garimpos – onde a substância é usada para separar o ouro da terra.

O Estudo do Ciclo do Mercúrio no Ecossistema da Floresta Amazônica – Avaliação do Impacto de Mineração de Ouro com a Utilização do Mercúrio foi realizado por meio de amostras de cabelos de pescadores e suas famílias, além de amostras de diferentes peixes. Os níveis mais alarmantes de contaminação foram detectados no Lago Duas Bocas, próximo a Tartarugalzinho, leste do Estado.

A contaminação por mercúrio nos cabelos da população do Lago Duas Bocas, formada em sua maioria por famílias de pescadores, atingiu 22 partes por milhão (ppm), índice acima do que é permitido pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Pelos critérios da OMS, o índice considerado limite de segurança está entre 10 e 20 ppm. “Em tais níveis de concentração, efeitos neurotóxicos já podem ser observados”, revelou o texto.

Segundo Jean Remy Guimarães, do Instituto de Biofísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que ajudou a



Garimpo Cupixi, no Amapá: contaminação de rios por mercúrio atinge índices “preocupantes”

elaborar o estudo, o mercúrio pode provocar a perda da capacidade intelectual, da habilidade e do equilíbrio. O cientista disse que, além dos garimpos, “qualquer atividade que acelere a erosão do solo”, como a construção de estradas e represas e desmatamento, pode provocar a contaminação por mercúrio, metal presente em solos de regiões tropicais.

**Consumo** – Os níveis de contaminação, de acordo com a pesquisa, tornam-se mais preocupantes por causa do alto consumo de pescados na região. Na área de maior concen-

tração de mercúrio nos peixes, segundo o estudo, é necessário que as crianças e mulheres em idade reprodutiva consumam de preferência os peixes não carnívoros e de menor porte, que

## GARIMPOS SÃO A CAUSA DO PROBLEMA

possuem menores níveis de contaminação por mercúrio. O estudo revelou ainda que algumas iniciativas contribuíram para reduzir o impacto dos garimpos no Lago Duas Bocas, por exemplo, um di-

que para impedir a entrada de águas utilizadas em garimpos.

Mesmo em lagos não afetados pelos garimpos, há peixes contaminados por mercúrio. Os pes-

quisadores não descartaram a hipótese de que haja uma “deposição de mercúrio transportado das regiões de garimpo por via atmosférica”.

Para realizar o estudo, foram reunidos pesquisadores de órgãos públicos e de universidades. Entre os órgãos que participaram do projeto estavam o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), Instituto de Pesquisa Energéticas (Ipen), Instituto de Energia Nuclear da Agricultura (Cena), ligado à Universidade de São Paulo (USP), Instituto de Biofísica da UFRJ e Institut Français de Recherche en Coopération. Todo o trabalho foi coordenado pelo Núcleo de Pesquisa em Geoquímica e Geofísica da Litósfera (Nupegel), da USP.

## Estado pode tornar-se um novo Eldorado

EDSON LUIZ

**BRASÍLIA** – O potencial aurífero do Amapá, que se estende das proximidades de Macapá até a Guiana Francesa e Suriname, poderá transformar o Estado em um novo Eldorado brasileiro. Os efeitos também já são visíveis, como a migração, os conflitos e a agressão ao meio ambiente.

Segundo avaliação do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), existem em torno de 20 mil garimpeiros no Amapá. A maioria é de Roraima, Rondônia, Maranhão e Pará, regiões onde o ouro também transformou a vida das populações locais.

A corrida em busca do mineral no Amapá não é nova, já que em 1602 os holandeses encontraram grandes filões às margens do Rio Maracá. Depois vieram os franceses, que ficaram na região entre 1613 e 1640. “Cerca de 75% do Estado são áreas pré-cambrianas, onde podem ser encontrados ouro, cobre, cassiterita, chumbo e zinco”, diz o geólogo José Armindo Pinto. Hoje, cerca de 75% das áreas estão nas mãos de uma só empresa de mineração, que adquiriu direito de pesquisa.

**Ambiente** – Os problemas ambientais também aparecem com a expansão dos garimpos. As margens do Rio Vila Nova, no interior do Estado, centenas de tambores de cianeto de sódio e ácido clorídrico – dois poderosos ácidos utilizados na exploração do ouro – estão abandonados a céu aberto.

Próximo ao rio estão centenas de garimpeiros que utilizam a água para fazer a alimentação diária. O sindicato reclama que o veneno que sobrou dos tambores atingiu o rio, matando peixes e até pessoas. “O ácido é tão forte que faz o ouro derreter como água”, explica o garimpeiro José Lúcio Braz da Silva, o Sula. A Secretaria de Meio Ambiente do Amapá constatou o problema em um relatório, no qual avaliou que “o vazamento poderia causar a morte de animais silvestres”.